



X SALÃO DE PESQUISA SETREM

SIAPS

PESQUISA PROMOVENDO DESENVOLVIMENTO

14ª SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

12ª ANÁLISE ETAPADA DE TRANSFERÊNCIA DE PESQUISA DA EDUCAÇÃO BÁSICA

12ª ANÁLISE ETAPADA DE PESQUISA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

11ª JORNADA DE PESQUISA

9ª FÓRUM DE INOVAÇÕES E INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS



Número do ISSN: 1981-2892

MORTE DE IDOSOS HOSPITALIZADOS: O OLHAR DA EQUIPE DE ENFERMAGEM

RESUMO

Os profissionais da saúde, especialmente os integrantes da equipe de enfermagem, estão constantemente na presença de pacientes hospitalizados, que vivenciam o processo de morrer e morte. Neste sentido, o objetivo principal desse estudo é analisar a percepção de profissionais de enfermagem acerca da morte de pacientes idosos hospitalizados. Caracteriza-se como um estudo qualitativo, descritivo, que utiliza o referencial teórico metodológico da Pesquisa Convergente Assistencial, realizado em uma unidade de internação de clínica médica. Os sujeitos são 20 profissionais de enfermagem, na faixa etária de 24 a 46 anos. Entende-se relevante a discussão do processo de morrer durante a formação acadêmica.

PALAVRAS-CHAVE: morte; idoso; enfermagem;

1. INTRODUÇÃO

A temática da morte e do processo de morrer é um tema polêmico que tem despertado interesse e discussões nas comunidades acadêmicas e profissionais. Para os autores deste estudo, o interesse pelo tema alicerçou-se pelo fato de os mesmos, baseado em suas vivências acadêmicas e profissionais, perceberem a lacuna existente e a dificuldade de interação dos profissionais de Enfermagem para falar com mais naturalidade com os pacientes hospitalizados de como lidar com a finitude da vida. O mesmo acontece também na relação com os familiares destes pacientes, ou, até mesmo, para falar de sua própria morte. Acredita-se que, estudando com maior profundidade esta temática poderá contribuir para que os profissionais de Enfermagem passem a rever valores e crenças e a partir disso, desenvolvam habilidades para conseguir entender o processo da morte como parte da vida de cada ser humano.

Sabe-se que no passado a morte ocorria no domicílio. Porém, com o advento tecnológico e mudanças culturais passa a ocorrer principalmente em instituições hospitalares. No entanto, objetiva-se o morrer com dignidade em qualquer cenário, principalmente com o advento dos cuidados paliativos, que conforme Silva (2006), constituem-se de estratégias que visam promover uma melhora da qualidade de vida, especialmente para pacientes com doenças em estágios terminais.

O processo de morrer é compreendido como uma fase da vida, comumente associado com o pesar e tristeza. No passado, a morte era vivenciada de modo natural, sem que as pessoas demonstrassem muito sofrimento. Áries (2003), aborda que no século XX a morte é encarada como um tabu, sendo pouco discutida.

Tratando o envelhecimento humano como uma caminhada para o fim da vida, a morte de uma pessoa idosa tem melhor aceitação do que de uma pessoa jovem. Ainda, com o envelhecimento humano, há um aumento na incidência de agravos à saúde, o que torna necessário, mais internações hospitalares. Nesta lógica, compreende-se que no âmbito hospitalar, a equipe de enfermagem necessita de conhecimentos e habilidades próprias para atender as demandas e especificidades desses pacientes, incluindo aquelas relativas ao processo de morrer e morte.

Zinn; Gutierrez (2008), relacionam o envelhecimento e a morte, pelo fato do envelhecimento humano ser considerado uma trajetória para o fim da vida.

Abordar as questões relacionadas com a morte no cotidiano de profissionais da equipe de enfermagem é importante, pois o processo de morrer e morte em pacientes idosos é uma situação frequente para os mesmos. Logo, o objeto deste estudo é a percepção da morte do idoso hospitalizado pela equipe de enfermagem, norteado pela questão: Como os profissionais de enfermagem vêem a morte de uma pessoa idosa hospitalizada? O objetivo consiste em *analisar a percepção de profissionais de enfermagem acerca da morte de pacientes idosos hospitalizados.*

2. METODOLOGIA

O presente estudo é natureza qualitativa e descritiva, que utiliza como referencial teórico-metodológico da Pesquisa Convergente Assistencial (PCA). Para Trentini;Paim (2004), tal método permite reflexão e discussão em grupo, pela participação ativa dos sujeitos do estudo. O mesmo foi desenvolvido em uma instituição hospitalar, de caráter filantrópico, localizada no noroeste do estado do Rio Grande do Sul.

Participaram da pesquisa 17 técnicos de Enfermagem e três Enfermeiros, sendo a maioria do sexo feminino, casados, na faixa etária entre 24 e 46 anos, que atuam em uma unidade de internação de clínica médica, contendo 33 leitos, uma vez que esta atende, em sua maioria, pacientes idosos.

Para a produção de dados utilizou-se a entrevista semi-estruturada, quatro oficinas temáticas oriundas da entrevista e após foi realizada nova entrevista e a observação sistemática, a partir de um roteiro de observação. Todas as entrevistas e oficinas foram gravadas em audiotape digital e, após, transcritas na íntegra, com o consentimento do entrevistado. As mesmas tiveram duração média de 60 minutos e foram realizadas de janeiro a março de 2012.

A análise dos dados seguiu os preceitos da análise temática de conteúdo proposta por Bardin (2009), sendo realizadas exaustivas leituras e releituras para categorização das informações. Os aspectos éticos foram respeitados, sendo que o projeto possui aprovação do Comitê de Ética na Pesquisa da UFSM sob nº 0340.0.243.000-11.

3. RESULTADOS DO TRABALHO / PESQUISA

A análise das informações advindas dos dados produzidos permitiu categorizar a percepção da morte do idoso hospitalizado por profissionais de Enfermagem, de uma instituição hospitalar do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

Apresenta-se os resultados parciais do estudo. Os sujeitos constituem-se de 20 profissionais da equipe de Enfermagem, na faixa etária de 24 a 46 anos, sendo a maioria, Técnicos de Enfermagem. A partir de exaustivas leituras pode-se verificar e criar a categoria acerca da compreensão dos profissionais em relação à morte de idosos hospitalizados. Assim, para os sujeitos do estudo, a morte constitui-se em uma etapa do ciclo de vida, associada ao envelhecimento humano, como mostra a fala a seguir: *A morte, eu vejo como um processo natural, [...] eu vejo como natural* (E16).

Ainda, alguns entendem a morte de um paciente como uma falha no cuidado, o que provoca sentimento de tristeza, frustração e perda, evidenciado na seguinte expressão:

[...] A gente está acostumado a ver a morte. [...] é uma perda, a gente tentou e não conseguiu, fica chateado quando acontece, principalmente quando é no turno da gente [...] um sentimento de não ter feito o necessário, mas na realidade a gente faz, mas fica aquela sensação [...] (E15).

Já, para outros, reflete em forma de alívio e descanso para a dor, devido ao quadro clínico apresentado pelo idoso ser desfavorável em termos de melhora e de possibilidade de tratamento, quando assim se manifestam:

É uma perda. Depende do caso que ele se encontra, se tiver muito debilitado assim, daí é melhor, mas sempre tem um sentimento envolvido (E04).

Isso a gente sente [...] somos acostumados a cuidar, interna sempre e seguido, e ter o óbito aqui é triste (E13).

Mesmo que um deles não tenha vivenciado a situação de morte, ver a condição do paciente morrendo, lhes desperta sensações desagradáveis de tristeza, de impotência e a consideraram uma incógnita. De todas as pessoas que necessitam conviver com o processo de morrer, os profissionais

da área da saúde encontram-se mais expostos, pois a morte é figura presente dentro das instituições hospitalares. Por essa razão, a morte deve ser discutida, uma vez que a finitude, por vezes, tem compreensão negativa, evidenciada nas seguintes falas:

Se é uma pessoa que sofre bastante a gente sofre junto [...] aí as vezes a gente pede para o paciente poder ir. Eu nunca peguei um óbito ainda, mas assim, sempre os pacientes idosos mal, morriam de tarde ou morriam de noite, nunca chegou a morrer de manhã comigo (E06).

Eu muitas vezes eu saio de perto para não chorar, porque, já é um fim de linha, acabou, é triste, é a realidade (E12).

Ai, a morte é uma coisa, sei lá, não tem explicação. É o fim da vida. Não dá para pensar (E13).

Os serviços de saúde, entre eles os hospitais, caracterizam-se por serem instituições comprometidas com a cura, tendo rotinas a cumprir e a morte é uma ameaça a essa função. Assim, os profissionais vêem-se revestidos de responsabilidades para o cuidar de forma infalível, entendendo que a morte representa uma falha. Tais fatos podem gerar medos, fantasias e ansiedades em relação ao paciente que está morrendo. Quando o paciente deseja buscar o alívio para seu processo de morrer, o profissional comumente não se conforma e luta pela vida desse indivíduo, com os recursos de assistência disponíveis, tanto de caráter profissional como institucional. Entretanto, para alguns profissionais, com frequência, assistir a pessoa que está morrendo passa a ser mais uma atividade a ser realizada no cotidiano de seu trabalho, quando assim se manifestam:

Com o passar do tempo, tu fica assim, mais dura, não tem como explicar muito bem, tu não te sensibiliza tanto (E19).

No início eu ficava super abatida, agora eu já estou acostumada, porque cada idoso, não tem como tu não te apegar. Mas agora eu estou conseguindo aceitar mais do que eu aceitava no início. No início eu morria chorando [...] (E03).

Assim, percebe-se que a morte de um paciente idoso, apesar de ser considerada como parte do ciclo vital, acarreta sentimentos variados nos profissionais. Destaca-se que, para além dos sentimentos de perda, frustração, impotência, tristeza, entre outros, também é apontado por um dos entrevistados a identificação de situações empáticas, que favorecem para qualificar a assistência prestada ao paciente moribundo e seus familiares.

Vejo como bastante difícil, porque você também tem que pensar que você teve familiares idosos, ou que partiram, ou que passaram também pelo processo da doença e que não foi fácil, tu ter a empatia de se colocar no lugar do outro (E11).

A empatia entre o profissional de Enfermagem e o paciente idoso que está vivenciando o processo de morrer e morte se constitui em um recurso terapêutico significativo. Identifica-se que há multiplicidade de sentimentos e de percepções envolvidos, tanto nos profissionais de enfermagem como no paciente e sua família. Os integrantes da equipe de enfermagem observam nos pacientes idosos que estão vivenciando o processo de morrer sentimentos de solidão, medo, dor, raiva, revolta e alívio diante da possibilidade de morte. Nos familiares, com frequência, evidenciam presença de angústia, impotência e medo.

4. CONCLUSÃO

Nesse contexto, compreende-se que os profissionais de saúde, em especial os integrantes da equipe de enfermagem, estão constantemente na presença de pacientes hospitalizados. Necessitam, portanto, de conhecimentos e habilidades para atender a demanda constituída por idosos hospitalizados e lidar com o processo de morte dos mesmos.

Este estudo buscou descrever a percepção de profissionais de Enfermagem em relação a morte de pacientes idosos hospitalizados. Os resultados sinalizam que a morte pode ser vista como alívio do sofrimento para o idoso no momento em que ele não possui mais condições de manutenção da vida. Mesmo assim, podem ocorrer sentimentos de perda, culpa e fracasso na equipe de Enfermagem, já que comumente a academia forma o profissional para que este tenha suporte teórico e habilidade para preservar vidas e as questões relativas ao morrer e a morte são pouco abordadas. Nesse contexto, não se pode esquecer que o cuidado de Enfermagem está comprometido com a vida, mas não dissociado da morte.

Salienta-se que, diante de uma situação de morte, a maioria dos trabalhadores participantes do estudo relatou presença de sofrimento. Isto porque há formação de vínculo e envolvimento emocional entre o paciente, a família e a equipe. Por outro lado, sabe-se que, quanto maior o tempo de atuação na área, maior a possibilidade de os profissionais criarem mecanismos de defesa, no sentido de melhor aceitar a morte e, até mesmo, se tornar menos sensíveis no momento em que uma pessoa idosa morre, se constituindo em estratégias que minimizam o sofrimento pessoal e profissional.

Outro dado que emergiu diz respeito ao fato de que, quando ocorre a morte de uma pessoa idosa, que tenha recebido a atenção e cuidados necessários, os profissionais a vêem como um fechamento de um ciclo vital, entendendo que este indivíduo já cumpriu com sua temporalidade na esfera terrestre.

Os entrevistados manifestam que é significativo assistir também a família no processo de morrer e morte de um idoso. Isso implica em se dispor a escutar, apoiar e orientar a família sobre o ocorrido. Além disso, uma ferramenta da qual eles lançam mão é a religiosidade que pode representar conforto e melhor aceitação da finitude da vida.

Desse modo, ressalva-se a necessidade de a equipe de Enfermagem possuir conhecimentos e habilidades específicas para cuidar de idosos hospitalizados e lidar com o processo de morrer e a morte dos mesmos. É relevante discutir tais aspectos no intuito de facilitar e qualificar a assistência de enfermagem a esses pacientes e seus familiares.

Por fim, salienta-se que os profissionais de enfermagem participantes deste estudo se posicionaram de formas distintas antes e após o desenvolvimento das oficinas. A partir delas passaram a discutir com mais naturalidade a questão da finitude da vida, compartilhando também com os demais colegas de trabalho as experiências vivenciadas. Desse modo, entende-se que as oficinas se constituíram em momentos de catarse, que favoreceram o debate e, provavelmente, contribuíram na qualificação da assistência ao idoso hospitalizado que se encontra no processo de morrer e sua família.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ariés P. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro; 2003.

Bardin L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

Lunardi V.L; Barlem E.D; Lunardi Filho W.D. **Percepções das enfermeiras frente aos sentimentos de quem vivencia o processo de morrer e morte**. Ciência, Cuidado e Saúde, 2006 maio/ago.; 5(2): 204-11.

Silva H. **Cuidados paliativos oncológicos: elementos para o debate de diretrizes nesta área**. Cad. Saúde Pública. 2006 out.; 22(10):2055-2066.

Trenitini M, Paim L. **Pesquisa Convergente Assistencial: um desenho que une o fazer e o pensar na prática assistencial em Saúde** - Enfermagem. 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2004.

Zinn GR, Gutierrez BAO. **Processo de envelhecimento e sua relação com a morte: percepção do idoso hospitalizado em unidade de cuidados semi-intensivos**. Estud. interdiscip. envelhec. 2008; 13(1): 79-93.